

AS PIADAS DE LOIRA E SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO ¹

Gisele Maria FRANCHI
(Orientador): Prof. Dr. Sírio Possenti

RESUMO: Este artigo tem como objetivo investigar as condições de produção das piadas de loira, ou seja, as razões histórico-sociais que justifiquem o fato de as loiras serem vítimas do discurso hostil que circula nas piadas. Com base em teorias lingüísticas e do discurso, pretende-se analisar algumas dessas piadas, principalmente no que diz respeito aos estereótipos de burra e de sexualmente disponível atribuídos às loiras.

Palavras-Chave: análise do discurso; piadas; loiras; estereótipos.

Introdução

M. Foucault, em *A ordem do discurso*, defende a tese de que os discursos, em toda sociedade, são controlados: “(...) Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa...” (p.09). É nas piadas, porém, que os discursos – principalmente os proibidos – encontram um meio de circular livremente: nelas, os negros, longe de serem tratados desprezivelmente, são detestáveis e, muitas vezes, retratados como ladrões; as sogras não são consideradas como uma segunda mãe, mas, sim, como pessoas insuportáveis; as empregadas não são nada prestativas, pelo contrário, são extremamente folgadas, etc...

As piadas de loira, que são o objeto deste trabalho, são veículo de um discurso hostil contra essas mulheres. O fato faz com que pensemos que haja algum motivo para isso, em outras palavras, se as loiras são vítimas de um discurso agressivo, é porque deve haver uma razão histórico-social para que elas sejam “atacadas” nas piadas. Investigar as condições de produção das piadas de loira é o principal objetivo deste trabalho.

¹ Este trabalho é parte de um projeto de iniciação científica, financiado pelo CNPq, que tem como principal objetivo estudar as piadas de loira, com base na articulação de teorias lingüísticas e do discurso.

1. As Piadas de Loira

Antes de discutirmos as condições de produção das piadas de loira, seria interessante que observássemos algumas delas:

A Loira que queria Emagrecer...

A loira visita um médico para perder uns quilinhos. Após um exame minucioso, o doutor receita a seguinte dieta: “Você pode comer normalmente por dois dias, depois, pule um dia, coma normalmente por mais dois dias, pule outro dia, e assim por diante, durante o mês inteiro. Se seguir esse regime à risca, vai perder pelo menos uns cinco quilos”. No início do mês seguinte, ela retorna ao médico, quinze quilos mais magra: “Incrível! Vejo que você seguiu minhas recomendações à risca! Parabéns!”. “Obrigada, doutor. Mas fique sabendo que eu quase morri!”. “De fome?!”. “Não! De tanto pular!”.

Na piada, “coma normalmente por dois dias, depois pule um dia”, é a recomendação dada pelo médico. Entende-se que se deve comer durante dois dias e passar o terceiro dia em jejum. Seria bastante inusitado que alguém interpretasse a expressão “pule um dia” como uma ordem para que pulasse durante o dia todo (já que isso seria impraticável ou bem pouco comum...). Mas é assim que a loira interpreta. Vejamos um outro exemplo:

Loira bronzeada...

Uma loira maravilhosa está deitada na praia, com um bronzeado espetacular, que chama a atenção de todo mundo que passa. Uma mulher, invejando o bronzeado da loira, resolve abordá-la: “Por favor, qual o seu protetor?”. E a loira: “São Judas Tadeu”.

Interessantes do ponto de vista do funcionamento discursivo, as piadas de loira sempre jogam com possibilidades que não são esperadas pragmaticamente. Por isso, poderiam ser usadas como exemplos – extremos, sem dúvida – para se pensar acerca da equívocidade da linguagem: “Como a linguagem tem uma relação necessária com os sentidos e, pois, com a interpretação, ela é sempre passível de equívoco. Dito de outro modo, os sentidos não se fecham, não são evidentes, embora pareçam ser...”. (Orlandi, 1996:09).

Na piada acima, dentre os sentidos possíveis para a palavra *protetor*, o contexto, de certa forma, “aponta” para *protetor solar* (afinal, a moça está na praia, tomando sol...), mas a loira, ignorando os ingredientes pragmáticos, pensa em

um outro tipo de protetor: o *protetor espiritual*, daí sua a resposta: São Judas Tadeu.

Algumas piadas de loira, no entanto, não veiculam o estereótipo de burra:

- *Qual a diferença entre a loira e um telefone?*
- *Você precisa de uma ficha para usar o telefone.*

Na “adivinha” acima, a loira é comparada ao telefone: para usá-lo, precisa-se de uma ficha, para *usar* a loira, não. Ela é retratada, portanto, como alguém “usável”, “fácil”, em outros termos, como uma mulher sexualmente disponível.

Há, contudo, piadas que veiculam tanto o estereótipo de burra quanto o de sexualmente disponível:

- *Por que a loira só transa com anões?*
- *???*
- *Porque, depois que ela ficou sabendo da Aids, começou a reduzir os parceiros.*

Na afirmação de que a loira começou a reduzir os parceiros, temos um pressuposto. De acordo com Ducrot (1987), o conceito de pressuposto implica idéias não expressas de maneira explícita e que são conseqüências do sentido de certas palavras ou expressões (inscreve-se na própria língua). Assim, se a loira *começou a reduzir os parceiros*, está pressuposto que ela tinha muito mais parceiros do que agora (afinal, se ela começou a reduzi-los, se o número de parceiros diminuiu, é porque ele era anteriormente maior). O estereótipo que encontramos aqui, portanto, é o de que a loira é sexualmente disponível. Já no modo como a loira encontrou para reduzir os parceiros (transar só com anões), temos o outro estereótipo, o da burrice: em vez de diminuir o *número* de parceiros, a loira entende que deve ter relações com parceiros que tenham baixa estatura.

2. As Condições de Produção das Piadas de Loira

Como já dissemos no início deste artigo, as piadas podem ser consideradas uma forma de nos livrarmos de certos procedimentos de controle do discurso, principalmente, o da palavra proibida, para usarmos os termos de Foucault (1970). Com efeito, em seu trabalho sobre os chistes, Freud (1905) concluiu que os impulsos hostis, que reprimimos por não serem socialmente aceitos, encontram, nas piadas, uma forma de serem extravasados: “(...) Um chiste nos permite explorar no inimigo algo de ridículo que não poderíamos tratar aberta ou conscientemente, devido a obstáculos no caminho...” (p.103).

Resta-nos, agora, descobrir, com relação às piadas de loira, quem teria as loiras como “inimigas”, em outros termos, quem teria interesse na veiculação de um discurso hostil contra essas mulheres. Para chegar a essa resposta, é fundamental que consideremos o que foi “explorado no inimigo”, ou seja, o que é dito sobre as loiras na piadas. Como vimos, o discurso corrente nas piadas de loira é o de que essas mulheres seriam burras e/ou sexualmente disponíveis. É bastante digno de nota o fato de que a inteligência da loira e/ou sua disponibilidade sexual sejam os aspectos escolhidos para serem ridicularizados – e não outros.

Sobre o funcionamento dos estereótipos nas piadas, Possenti (2002) compara-os ao simulacro: o estereótipo seria “uma espécie de identidade pelo avesso – digamos, uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar, eventualmente, pelo seu Outro”². Deste modo, de acordo com o autor, as piadas operariam com dois tipos de estereótipo: um *estereótipo básico* (que é assumido pelo grupo, uma espécie de traço de identidade) e um *estereótipo oposto* (um simulacro, atribuído pelo Outro). Para o caso das piadas de loira, como vimos, o estereótipo atribuído pelo Outro é o de que elas seriam burras e/ou sexualmente disponíveis. Se isso é um simulacro, o avesso disso – que, portanto, é o estereótipo básico, a identidade assumida pelas loiras – é o de que elas são inteligentes e livres.

Se levarmos em consideração a história, veremos que liberdade e inteligência, durante muito tempo, não foram características comuns de serem atribuídas ao sexo feminino. Por séculos, as relações entre os gêneros mantiveram (e ainda mantém, mas com menor intensidade) um caráter excludente com relação às mulheres – e que se dava tanto nos campos político e econômico, como no social. De acordo com o discurso machista, essa exclusão seria, de uma certa forma, justificada pelo fato de que as mulheres seriam menos capazes (pouco inteligentes, muito frágeis, etc...) do que os homens.

Em algumas piadas de loira, vemos, portanto, a reafirmação do discurso que coloca a inteligência dessas mulheres em questão:

- *Sabe por que o cabelo das loiras cresce mais rápido do que o dos homens?*

- ???

- *Porque elas têm esterco na cabeça.*

Dizer que o cabelo das loiras cresceria mais rápido do que o dos homens porque elas teriam esterco na cabeça é uma forma de chamá-las de burras – e de reafirmar que os homens são (muito) mais inteligentes do que elas.

As mulheres passaram a ser vistas como uma “inimiga” a partir do momento em que começaram a competir com os homens, principalmente no que se

² P.156.

refere ao campo profissional. O discurso, sustentado durante séculos, de que cada gênero deveria ocupar o seu respectivo lugar começava a ser questionado. Entretanto, ainda hoje, pode ser encontrado em frases como “lugar de mulher é pilotando o fogão” ou “lugar de mulher é atrás do tanque”, apenas para citar alguns exemplos.

Se, antes, o espaço destinado às mulheres era exclusivamente o doméstico e suas tarefas resumiam-se a cuidar da casa e dos filhos, é importante lembrar que, nos dias de hoje, apesar de competir profissionalmente com os homens, isso não significou uma igualdade entre os gêneros. De um modo geral, as mulheres passaram a desempenhar, nos espaços públicos, tarefas semelhantes às que faziam em casa, em outras palavras, a maioria exerce profissões que estão mais relacionadas às áreas de atenção social. Prova disso é que, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), que analisou, em 2006, como os cursos universitários estão distribuídos entre os gêneros, 83,8% dos estudantes de enfermagem e 90,8% dos alunos de pedagogia são do sexo feminino. Dos alunos matriculados nos cursos de engenharias mecânica, elétrica e computação, respectivamente, 91,5%, 88,9% e 79,9% são do sexo masculino. Isso significa que permanece a tendência à divisão de tarefas sociais: as mulheres, em sua maioria, são preparadas para atuar na saúde e, principalmente, na educação, ao passo que os homens ocupam majoritariamente as áreas relacionadas a setores públicos e de infra-estrutura.

Ainda nos dias de hoje, a ideologia machista é forte em nossa sociedade. Vieira (2005), em um artigo em que discute a construção social da identidade feminina, observa que: “(...) No campo profissional, se a mulher, depois de muito esforço pessoal, for promovida, a primeira coisa que dizem é: ‘Como será que ela conseguiu esta promoção? O que será que ela fez para obtê-la?’ Mas, quando um homem é promovido, o discurso muda completamente: ‘Como ele é competente’ ou ‘Esse cara vai longe, ele promete’”.

Um discurso semelhante pode ser encontrado em piadas como essa:

- *Como você sabe que uma loira trabalha em um escritório?*
- *???*
- *Porque o escritório tem um quartinho com uma cama e um sorriso enorme na cara de todos os chefes.*

A loira não trabalha no escritório porque é uma profissional competente, mas, sim, porque é sexualmente disponível (o escritório tem “um quartinho com uma cama” e os chefes estão todos sorrindo, certamente, devido ao prazer sexual que tiveram).

Como vimos, nas piadas de loira, os dois estereótipos, portanto, complementam-se mutuamente: sendo burras, as mulheres (representadas, nas piadas,

pelas loiras) conseguiriam obter o sucesso que vêm conseguindo porque seriam sexualmente disponíveis.

3. Considerações Finais

A análise de algumas piadas de loira mostrou-nos que, por meio desse material originalmente feito para rir, circula uma ideologia machista. É pelo fato de as piadas, de um modo geral, retomarem discursos profundamente arraigados, que elas interessam enquanto objetos de pesquisa. Piadas que operam com este-reótipo – como as de loira, de gaúcho, de sogra, de preto, de português, de caipira, de bicha, etc... – têm um discurso agressivo, que foi construído em condições determinadas. Observar que condições são essas é uma tarefa interessante para o analista.

No caso das piadas de loira, o imaginário que as pessoas geralmente têm a respeito de suas condições de produção é o de que essas piadas teriam sido feitas pelas morenas, numa espécie de “vingança” (porque, tanto no imaginário masculino quanto no feminino, ser loira seria uma vantagem, pois elas seriam mais bonitas, mais atraentes do que as outras mulheres). Entretanto, o que vimos é que o discurso das piadas de loira não é feminino: é machista. E é resultado de condições históricas de disputa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DUCROT, O. (1987). *O Dizer e o Dito*. Ed. Pontes, SP.
- FOUCAULT, M. (1970). *A ordem do discurso*, Ed. Loyola, SP, 1996.
- FREUD, S. (1905). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, vol. VIII. Ed. Imago, RJ, 1977.
- ORLANDI, E. P. (1996). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Ed. Vozes, RJ, 2ª. edição, 1998.
- POSSENTI, S. (1998). *Os humores da língua: análise lingüística de piadas*, Mercado de Letras, SP.
- _____. (2002). *Os limites do discurso*. Ed. Criar, PR.
- VIEIRA, J. A. (2005). *A identidade da mulher na modernidade*. DELTA, vol.21, SP (versão eletrônica acessível pelo endereço: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502005000300012&script=sci_arttext&tlng=en)